

“APRENDE QUEM ENSINA” E “O CANTO É CORAL”: VOZES FEMININAS EM CONTEXTOS MUSICAIS E PANDÊMICOS¹

Vanessa Cavalcanti²
Bruna Rocha da Silva Cunha³

RESUMO

Tendo como marcadores as categorias juventudes, educação e direitos humanos, as duas últimas décadas foram de intensificação de agendas públicas para o cenário brasileiro e baiano. De caráter interdisciplinar e empírica, objetiva-se investigar o acesso aos Direitos Humanos de participantes jovens dos Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia (NEOJIBA), em contextos familiares e sociais. Em abordagem qualitativa e multirreferencial, a fundamentação está atrelada às Epistemologias Feministas, sendo a metodologia elaborada e executada em etapas: observação espontânea; observação e aproximação participante; acompanhamento e coleta através de netnografias qualitativas, com base na formação educativa e "encontro com famílias" e, por último, entrevistas semiestruturadas individuais realizadas a partir de uma amostragem representativa de experiências múltiplas com dez integrantes (mães e jovens). Os resultados encontrados sugerem que participantes do programa identificam e reconhecem integração social e familiar, bem como acessibilidade às dimensões dos direitos humanos (com destaque à educação, à cidadania e à justiça social).

Palavras-chave: Mulheres; Direitos Humanos; Juventudes; Educação; Gênero.

ABSTRACT

Having markers as youth, education and human rights, the last two decades have seen the intensification of public agendas for the Brazilian and Bahian scene. The research - of an interdisciplinary and empirical character - aims to investigate the access to Human Rights of young participants from the State Nucleus of Youth and Children's Orchestras of Bahia (NEOJIBA), in family and social contexts. In a qualitative and multi-referential approach, the foundation is linked to Feminist Epistemologies, with the methodology being elaborated and executed in four stages: spontaneous observation; observation and contact; monitoring and collection through qualitative netnographies, based on educational training and "meeting with families" and, finally, identified semi-structured individual carried out from a representative sample of multiple experiences with ten members (five mothers and five young people). The results found results that program participants identify and recognize social and family integration, as well as accessibility to the dimensions of human rights (with emphasis on education, citizenship and social justice).

Keywords: Woman; Human rights; Youths; Education; Gender.

¹ Integra resultados da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. Financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). A pesquisa foi atravessada pela crise sanitária e teve que ser realizada através de metodologias com mediação virtual. Agradecimentos especiais ao NEOJIBA e às jovens (Edith, Gal, Clara, Alcione e Chiquinha) e Mulheres-Mães (Elza, Bethânia, Elis, Leci e Marisa), que receberam e autorizaram o desenvolvimento dessa investigação.

² Historiadora e professora universitária. Doutorado em Humanidades pela Universidade de León, Espanha. Pós-doutorado em Direitos Humanos e História Contemporânea pela Universidade de Salamanca, Espanha (CAPES e CNPq) e pela Universidade de Coimbra (2021-2023). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Programa em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM/UFBA). Investigadora associada do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras (Universidade do Porto) e do Centro de Investigação em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária (CEAD, Universidade do A

³ Mestra em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador. Integrante do Núcleo de Estudos sobre Educação e Direitos Humanos (NEDH/UCSAL/CNPq). Graduada em Direito pela Universidade Católica do Salvador.

Quintetos Femininos

*Sinfonia da diversidade
Composta de sonhos e até temores
Vozes, Violas, violinos
E uma extensa paleta de cores*

*Se “o canto é coral”
Assumem a voz da coletividade
Eu, tu, ela, nós, vós, elas
Vibrando acordes de sororidade*

*Reveem suas trajetórias de vida
Falam de ancestralidade, educação, rumo profissional
Revelam que “aprendem quando ensinam”
Edith, Alcione, Clara, Chiquinha e Gal*

*Já as Mães, regentes da maternidade
Conduzem a Orquestra do dia a dia
Entre as notas do zelo e afeto
Atentas a cada passo da cria*

*Assumem as suas fraquezas
Bradam por proteção e diretriz
Nos bastidores da emoção
Elza, Leci, Bethânia, Marisa e Elis.*

*Deixo aqui esse simples registro
De toda a minha gratidão
À essas meninas e mulheres,
Às que me antecedem e às que ainda virão.*

Bruna Rocha, 2021.

Prelúdio: Pontos De Partida

Diversos aspectos podem surgir no ínterim de realização de uma de estudo qualitativo, inclusive alterando ou refinando as questões de pesquisa. Entre ensino, extensão e investigação, a pandemia COVID-19⁴ e sua proliferação é fato superveniente da pesquisa, algo "fora do alcance do poder humano", demandando alterações no percurso metodológico. Nessa perspectiva, as pesquisadoras usam “um raciocínio complexo, multifacetado, interativo e simultâneo” (Creswell, 2017, p. 186-187).

A escolha recai sobre estudo com método qualitativo, uma vez que este aborda questões relacionadas às singularidades das pessoas e permite explorar o contexto e os atores sociais de maneira mais aprofundada.

⁴ A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo coronavírus, constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11/3/2020, foi caracterizada como pandemia.

As etapas empíricas foram divididas em quatro momentos: 1) Observação espontânea em 2018; 2) Observação e aproximação participante em reuniões, integrados ao Plano Operacional do NEOJIBA (2019-2021). Destaca-se que, em março de 2020, houve a determinação de suspensão das atividades escolares por conta da pandemia e crise sanitária; e das atividades presenciais do NEOJIBA. Por conseguinte, a observação e aproximação continuaram através das plataformas online; 3) Acompanhamento e coleta através de netnografias qualitativas, com base na formação educativa e "encontro com famílias" (todos os núcleos), realizadas entre agosto e setembro de 2020; 4) Entrevistas semiestruturadas em profundidade, realizadas através do *Zoom Meetings*, individualmente, com cinco jovens integrantes do NEOJIBA, do gênero feminino e cinco mães de integrantes dos núcleos.

As formações foram realizadas através do *Zoom Meetings*⁵, em parceria interinstitucional e com organização da equipe de Desenvolvimento Social do NEOJIBA (psicólogas, assistentes sociais e coordenadores/as de núcleos musicais). As entrevistas semiestruturadas foram elaboradas a partir de questões abertas, conferindo flexibilidade e agregando informações úteis aos resultados almejados. Para tal finalidade, utilizamos *snowball*, técnica de amostragem baseada em cadeias de referência. Para identificação das entrevistadas, foram escolhidos nomes de compositoras brasileiras e cumprindo com a preservação da identidade dos sujeitos de pesquisa⁶.

Contextos De Ser E Aprender: Juventudes Em Foco

Segundo o módulo de Educação da Pesquisa Nacional por Amostra divulgado pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBGE) de 2019, o Brasil possui mais de 50 milhões de jovens, isto é, cerca de ¼ da população total, o que, de logo, demonstra quantitativa e qualitativamente, a importância desse grupo social para o funcionamento e as transformações da nossa sociedade.

Miriam Abramovay e Mary Garcia Castro (2013) assinalam o uso da expressão “juventudes”⁷, no plural, como realidade palpável que tem gênero, idade, raça, fases,

⁵ Aplicativo para realizar reuniões virtuais (<https://zoom.us/pt-pt/meetings.html>), adotado pelo NEOJIBA para aulas e encontros, atendimentos e serviços.

⁶ Pela dificuldade de acesso, em período de isolamento social, as entrevistas foram facilitadas por agentes institucionais que indicaram jovens e mães integradas e estas, por sua vez, puderam indicar outras. Projeto aprovado pelo Comitê de ética da Universidade Católica do Salvador - CAAE 39842620.0.0000.5628

⁷ Termo incorporado em dimensões acadêmicas e governamentais, bem como agendas para/com juventudes, em contexto nacional. Iniciativa do Todos Pela Educação, em parceria com o Instituto

geração, sendo uma construção social, relacionada com formas de ver os jovens, inclusive por estereótipos, momentos históricos, referências diferenciadas (Abramovay, 2015).

(...) torna-se fundamental reconhecer a necessidade de um projeto de sociedade não somente de vida específico inclusivo para jovens, mas que os considerem como sujeitos com direitos próprios e de participar de forma mais incisiva nos destinos, ou por outros destinos, da nação e com condições de modelar suas histórias de vida. (Abramovay; Castro, 2015, p. 14).

Em um panorama de violências sobrepostas (Cavalcanti, 2018) e genocídio de juventudes (Calazans et al, 2022), há que se verificar as micro-violências cotidianas (Abramovay, 2016) e proporcionar criação de agendas para juventudes. Desde início dos anos 2000, se desenham ações respondendo aos desafios para o futuro (Delors, 1990) e o fomento aos pilares da educação, definidos em Jointien, Tailândia, em 1990.

O foco juventudes e violências recebeu atenção de esferas governamentais e não-governamentais, exigindo pensar o presente-futuro (Cavalcanti, 2020; Cavalcanti; Silva, 2019, 2018) e a criação, planejamento, fomento e implementação de políticas públicas especializadas (Castro; Abramovay, 2013; Castro, 2014). Assim, recuperar diálogos entre micro-sistemas e macro-esferas é basilar para composição histórica dessa investigação, delimitando categorias e contextos.

O intuito dessa pesquisa foi justamente vincular atividade de extensão e de embasamento teórico-empírico, aproximando saberes e fazeres (Penido, 2019). Contudo, há que se observar interfaces e interseccionalidades, especialmente geração, gênero e raça, pois são jovens negras/os que mais se concentram em grupos mais pobres, alertando que as políticas públicas devem sair da focalização linear de identidades (Castro, 2014).

Concomitantemente, assinalar a “distribuição demográfica da precariedade” exige exortar “até mesmo os mais desprovidos de poder a assumir responsabilidades por suas vidas, sem depender de nada ou ninguém, além de si mesmo. O contrário da precariedade não seria, entretanto, a segurança, mas a luta por uma ordem política e social igualitária, na qual a vida “seja passível de ser vivida” (Butler, 2018, p. 75), passíveis de identidades e reconhecimentos coletivos e asseguradas todas as dimensões dos Direitos Humanos.

Unibanco e o Instituto Inspirare, a publicação “Juventudes pela educação: Propostas para fortalecer a participação das juventudes brasileiras em prol da melhoria da educação” (2019) compõe documento basilar das atividades vinculadas à faixa etária e projetos de vidas. Disponível em https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/309.pdf

Assegurar a ruptura com a “combinação perversa de vulnerabilidade social e racismo” nos remetem aos diversos questionamentos e reflexões de Achille Mbembe (2016). Se considerarmos a política como uma forma de guerra, o autor reflete: “que lugar é dado à vida, à morte e ao corpo humano (em especial o corpo ferido ou morto)? Como eles estão inscritos na ordem de poder? Reforçando tal ideia, Miriam Abramovay e Mary Garcia Castro (2013, 2015), abordam as vulnerabilidades negativas (fragilidades, obstáculos) e positivas (formas de resistência no plano ético cultural).

Se muitos são os jovens envolvidos em violências, muitos também são os jovens que estão tocando suas vidas, sobrevivendo, pavimentando carreiras, como são muitos os envolvidos em experiências de cultura, de empreendedorismo, de atividades comunitárias. São jovens que, vivendo em áreas de pobreza, reagiram por sua conta ou com a colaboração de instituições várias, que estão em projetos artísticos, ecológicos, políticos ou desempenhando ações em áreas carenciadas, ou seja, que mudaram os sinais das vulnerabilidades. Tais jovens precisam de políticas, amparo do Estado para prosseguir em tal ativismo. (Abramovay; Castro, 2014, p. 11).

As vulnerabilidades negativas se entrelaçariam com o não reconhecimento de jovens como sujeitos de direitos, ou através de interdições materiais que impedem que esses possam participar como atores de mudanças sociais. No debate atual sobre vulnerabilidades, comum a exposição dos diversos tipos de violências, somados aos diversos preconceitos e as discriminações. No que se refere ao contexto baiano e, mais especificamente, no âmbito socioeducativo musical, o Governo da Bahia mantém corpos estáveis e programa prioritário como os Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia (NEOJIBA), desempenhando papel central na vida de integrantes e na formação em música orquestral (Castro, 2017).

A Bahia tem uma diversificada gama de expressões musicais: erudita, popular, mercantil etc. Aqui se desenvolveu uma indústria da música como em poucos estados. Para além das críticas estéticas ou da hegemonia que inibe outras expressões musicais, tal indústria produziu mercado de trabalho e profissionalização no cenário musical baiano (Rubim, 2014, p. 173).

O programa Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia (NEOJIBA) foi criado em 2007, pelo pianista, educador, regente e gestor cultural Ricardo Castro⁸. É gerido pelo Instituto de Desenvolvimento Social para a Música (IDSMS) e está

⁸ Pianista e maestro. Diretor do NEOJIBA desde 2007. Primeiro brasileiro a receber o título de Membro Honorário da *Royal Philharmonic Society* (2013).

vinculado ao Governo do Estado da Bahia, através da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos. Iniciado em 2007, têm como missão social “promover na Bahia o desenvolvimento e a integração social prioritariamente de crianças, adolescentes e jovens em situações de vulnerabilidade por meio do ensino e prática musicais coletivos”. A metodologia é inspirada em modelo didático-musical de desenvolvimento humano, criado por José Antônio Abreu, na Venezuela, em 1975, reconhecido mundialmente como *El Sistema*⁹.

Em julho de 2019, a nova sede do NEOJIBA foi inaugurada no Parque do Queimado, na Liberdade, onde estão abrigadas atividades de departamentos estratégicos (Desenvolvimento Social e o Centro de Documentação e Memória).

As atividades de prática instrumental e coral são gratuitas, regulares, realizadas em condições adequadas e com a presença de instrutores em processo de formação contínua. Assim como na orquestra, a prática coral capacita crianças, adolescentes e jovens tanto na área técnico-musical, quanto no exercício da vida social.

Pelo perfil de nossa sociedade atingimos majoritariamente a população pobre em termos materiais e com certeza tiramos crianças da rua, mas isso é consequência do fato de oferecermos a todos ensino musical de qualidade comparável ao de grandes centros musicais. Oferecemos gratuidade do ensino, como também transporte, alimentação e bolsa. Acolhemos crianças e jovens que queiram tocar em uma orquestra ou cantar em um coral. O foco é a excelência musical e a integração social se dá por ela. (Castro, 2020).

Com base no Mapa Social (2019) desenvolvido pelo programa, o público do gênero feminino é maioria, correspondendo a 51%. Quanto à cor/raça, levando em consideração a auto declaração dos integrantes, 38% se declararam negros, 45% pardos, 2% amarelos, 11% brancos e 4% não declararam sua cor/raça.

No programa, todos são convidados a exercitar dois lemas guias. O primeiro - “*Aprende quem Ensina*” - visa estimular a prática de compartilhar o conhecimento. Integrantes mais experientes tornam-se madrinhas e padrinhos dos integrantes mais novos para que o processo de ensino e aprendizagem em música seja efetivo. O segundo - “*Lugar de Plateia é no Palco*” - ressalta a prática musical ao alcance de todos, independentemente de aptidão especial e que, em condições adequadas (ambiente

⁹ Sistematizou o ensino e a prática individual e coletiva de música por meio de orquestras e corais. Para o seu idealizador, tratava-se da maneira mais eficiente de promover o desenvolvimento humanista de crianças e adolescentes, oferecendo uma nova perspectiva àqueles em situação de vulnerabilidade social na Venezuela

facilitador da concentração, orientação e regularidade), qualquer pessoa é capaz de cantar ou tocar um instrumento.

Com a crise sanitária e por conta do isolamento (março de 2020), as atividades digitais foram realizadas, tais como “NEOJIBA na Janela”, “Festival NEOJIBA Encanta” e recitais, bem como plataforma educativa “Neojiba online”.

Mapeando Relações E Situações: “O Canto É Coral”

Mapas sociais, elaborados pelo Setor de Desenvolvimento Social do programa NEOJIBA tem realizado diagnóstico social das famílias inseridas, destacando as características socioeconômicas e situações de vulnerabilidade e/ou risco social. O objetivo é dar visibilidade às demandas resultantes desse processo para que estas famílias possam ser inseridas e encaminhadas à política de Assistência Social e demais políticas públicas ofertadas pelo Governo do Estado da Bahia e outros órgãos de direito. Visa, igualmente, analisar o perfil dos integrantes e seus familiares para intervir de forma mais efetiva, identificar, dentre os integrantes, o público prioritário para o atendimento psicossocial (visando possíveis inserções no CadÚnico e demais intervenções cabíveis). Nesse processo, além de promover, a partir dos dados levantados, possíveis articulações e parcerias com as redes de proteção socioassistenciais, como os Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), Centro de Referência de Assistência Social (CREAS) e outras instâncias, a atuação firma interface famílias e integrantes.

Alguns dados para o ano analisado revelam que 12% das famílias possuem uma renda mensal de até meio salário mínimo; 32% renda mensal de até um salário mínimo; 28% entre um e dois salários mínimos; 12% entre dois e três e 5% entre três e quatro; 2% de cinco ou mais salários mínimos; e 9% não informaram ou não souberam a renda mensal da família. Das famílias inseridas no programa, 53% declararam estarem inscritas ao CadÚnico¹⁰; 43% não estarem inscritas ao CadÚnico; e 3% não informaram a respeito. No contexto pandêmico, em que a redefinição de um cotidiano mediado por recursos digitais se faz necessária, professores, crianças e responsáveis precisaram redimensionar e fazer dialogar com suas experiências com as tecnologias. Mãe e pais foram mediadores em relação entre multiplicadoras e crianças, aprender conteúdos e uso de aplicativos em

¹⁰ Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico) identifica e caracteriza famílias de baixa renda (renda mensal per capita de até meio salário-mínimo por pessoa, ou renda mensal total de até três salários-mínimos). Instrumento obrigatoriamente utilizado para seleção de beneficiários e integração de programas sociais do Governo Federal.

ambientes virtuais. Baixar conteúdo, acessar sites, filmar atividades, tirar fotografias, fazer postagens que comprovassem a realização das atividades.

A educação atinge novas abordagens e “o espaço-tempo perde seu caráter rigidamente universal, relativizando-se e flexibilizando-se. Os corpos perdem sua fixidez e são convidados a se mover: no movimento fundem-se as dimensões espaço e tempo” (Saraiva, 2018, p. 32).

Ficou evidenciado um contexto que se caracteriza pelas múltiplas atividades e sobrecarga das mulheres (não promoção da equidade nas atividades de cuidar e domésticas), sinalizando uma “nova realidade” e “mudança completa em nossas vidas”. As mães se expressaram com maior frequência em todas as reuniões, revelando a existência de um desdobramento maior desse ente “para dar conta de família e trabalho”.

Cansada, meninos enlouquecendo dentro de casa. Já tive crises de ansiedade. (MT3)

Não tá fácil pra gente conciliar o serviço doméstico com a atenção das crianças ... fora que elas ficam estressadas por estarem presas em casa...pra mim com três filhos, um deles recém-nascido tá um pouco complicado... (MT5)

cansativo e invasivo porque a casa virou local de trabalho, estudo, aula. Necessário aprender nova rotina. (MT8)

eu nunca ouvi tanto a palavra, o chamamento: oh mãeeee (MT9)

Eu acho que me preocupo por minha filha, sou eu que lembro o horário, que lembro de ela fazer os vídeos, eu que acordo pra ela assistir aula ... ela é muito distraída se deixar por conta, ela assiste uma vez por semana e olhe lá. Mas é uma menina maravilhosa, tem facilidade de aprender, só é dispersa!!! (MT9)

Eu peço a todos que tenham realmente paciência, porque o Covid passou aqui na minha casa e fez um arraso. Todos pegaram, meus filhos, meu marido e eu. (...) Foi mais difícil ainda ter que cuidar dessa galera toda. Graças a Deus eu fui a última a ser contaminada, daí eu pude cuidar deles antes. (MT9)

Apesar da tendência histórica de aumento da escolarização feminina e da entrada continuada das mulheres no mercado de trabalho, no momento prévio à chegada da COVID-19, persistia uma marcada divisão sexual do trabalho na sociedade brasileira. As mulheres ganhavam salários mais baixos e estavam mais sujeitas à informalidade. Mesmo engajadas em jornadas extensas de trabalho, permanecem como principais responsáveis como mantenedoras, cuidadoras e responsáveis pelo trabalho “reprodutivo”.

O trabalho doméstico foi redobrado pelas recomendações de higienização e limpeza de objetos, alimentos e superfícies, além da presença constante dos familiares em casa, para atender a recomendação de distanciamento social. Como responsáveis pelos cuidados da saúde física e mental da família, têm sido a elas demandado o cuidado de parentes com necessidades especiais (idosos e portadores de deficiências) e familiares com COVID-19 que não exigem internação, em muitas circunstâncias sem poder contar com o suporte de cuidadores profissionais, que em sua maioria também são mulheres. (IBGE, 2020, p.16)

Mães No Projeto: Do Público Ao Privado

Na aproximação com a categoria “família”, bem como transitar entre público e privado, as entrevistas individuais realizadas com cinco mães de integrantes do NEOJIBA compõem a quarta etapa da metodologia.

A partir de netnografias¹¹, organizadas através do ambiente virtual e plataforma *Zoom Meetings*, procurou-se criar um espaço descontraído e confortável, a fim de estimular as entrevistadas a exporem qualitativamente acerca de determinados tópicos mais importantes, além de esclarecer as eventuais dúvidas que pudessem ter. Foram informadas sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e as entrevistas gravadas.

O quadro a seguir oferece uma apresentação prévia da caracterização relativa às mães que foram entrevistadas, apontando para aproximações iniciais e prévio retrato da diversidade entre as mesmas. Identificadores como idade, estado civil, renda, raça/etnia (por autodeterminação), escolaridade e filiação compõem elementos coletados. Vale ressaltar que foram escolhidas para manutenção do sigilo e confidencialidade nomes de compositoras e cantoras brasileiras, representando visibilidade de referências no universo musical daquelas que vieram antes do Tempo Presente e devem ser homenageadas. São elas: Elza Soares, Maria Betânia, Elis Regina, Leci Brandão e Marisa Monte.

¹¹ Tipo de pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online. Usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e representação etnográfica de fenômeno cultural ou comunal. Integra observação participante para incluir outros elementos, como entrevistas, estatísticas, coletas de dados arquivais, análise de caso histórico, videografia, técnicas projetivas como colagens, análise semiótica e uma série de outras técnicas (KOZINETS, 2014, p. 61-62).

QUADRO 1 - Caracterização das mães entrevistadas

Mães de Integrantes NEOJIBA	Idade	Raça/ Etnia/ Cor (Auto-declaradas)	Escolaridade	Profissão	Renda	Estado Civil	Número de Filhos	Núcleo NEOJIBA
Elza	33 anos	Negra	Segundo Grau Completo	Desempregada, no momento.	Bolsa Família	Casada	5 filhos, sendo dois filhos biológicos, dois adotivos e encontra-se grávida no momento. 2 deles (Uma menina e um menino, são integrantes do NEOJIBA)	Nordeste de Amaralina
Bethânia	39 anos	Morena	Segundo Grau Incompleto	Desempregada, no momento.	200 reais	Solteira	2 filhas, ambas integrantes do NEOJIBA	Vitória da Conquista
Elis	44 anos	Parda	Ensino Médio Completo	Auxiliar de escrituração fiscal.	3 salários mínimos, mais ou menos.	Casada	Possui 3 filhos, sendo 2 deles (uma menina e um menino) integrantes do NEOJIBA	Teixeira de Freitas
Leci	39 anos	Negra	Possui Superior Completo, Formada em Pedagogia.	Auxiliar de Classe	2.300 reais, mais ou menos.	Vive em União Estável	Tem 2 filhos, um menino e uma menina. A filha, que é integrante do NEOJIBA, tem 17 anos, mora com a avó, mãe de Leci.	Núcleo Teatro Castro Alves
Marisa	39 anos	Parda	Pós-graduada (Gestão de Projetos e Portfólio) e Bacharel em Artes.	Captadora de Recursos do Terceiro Setor.	2 salários mínimos, mais ou menos.	Solteira	2 filhos (um menino de 11 anos e uma menina de 8 anos) e ambos integram o NEOJIBA.	Federação

Fonte: Elaboração a partir da pesquisa empírica (2021).

Tornam-se evidentes as diferentes entidades familiares das entrevistadas e que, apesar de constituírem uma pequena amostra de pesquisa, expressam uma realidade social plural e fluida. Conjugam situações distintas, incluindo desde retratos da família matriarcal, união estável, maternidade solo ou mulheres chefes de família, filiação consanguínea e adotiva.

Tomando a elaboração conceitual trazida por Sílvia Portugal (2014), a vida cotidiana, estruturada em redes sociais e familiares, pode servir ao encontro na investigação de campo.

Qual o papel que cabe à família na produção de bem-estar? Qual o papel das redes sociais na provisão de recursos? Quais são os laços mais ativos das redes? Que tipo de necessidades permitem suprir? Qual o papel dos laços de parentesco? Como se articulam as redes informais com outros de bem modos de bem-estar? O

que as faz mover? Quais são as normas que regulam a sua ação? (Portugal, 2014, p. 40).

As vertentes teóricas apresentadas acima são corroboradas nas entrevistadas, exemplificadas por Bethânia que “aprendeu a ser mãe e pai” e, Marisa, por sua vez, apresentou-se como “mãe solo”, demonstrando inclusive familiaridade com a nomenclatura. Ambas endossam a realidade brasileira: chefes de famílias, sem relação conjugal (seja por meio de uma maternidade voluntária e planejada como a adoção unilateral ou por técnicas reprodutivas, seja por questões socioculturais como o abandono ou a omissão paterna).

Mais do que nunca homens estão exercendo a paternagem, o que é uma consequência do movimento feminista, mas ainda não alcançamos nem mesmo um traço do que seria a equidade de gênero. E sabemos que essa participação igual faz a parentalidade ser mais positiva e a experiência ser mais satisfatória para todas as partes envolvidas (hooks, 2020, p.122).

Para bell hooks (2020, p.115) “nenhuma reação antifeminista foi tão prejudicial ao bem-estar das crianças quanto à depreciação de mães solteiras pela sociedade”, uma vez que, na cultura que tem a família patriarcal constituída por pai e mãe, as crianças sentiam-se inseguras pois faziam parte de um arranjo fora do “padrão”.

O número de famílias chefiadas por mulheres cresceu 105% entre 2001 e 2015, segundo a pesquisa Mulheres Chefes de Família no Brasil: Avanços e Desafios. Significa um total de 28,9 milhões de chefia feminina. Salienta-se que estão incluídos neste número diversos tipos de arranjos familiares, como casal sem filhos ou com filhos, arranjo unipessoal, que é caracterizado por uma mulher que mora sozinha, e as mães solo, caracterizadas na publicação como “arranjo monoparental feminino” (Cavenaghi & Alvez, 2018).

Para além da diversidade dos arranjos familiares apresentados, ao serem perguntadas sobre como conheceram o NEOJIBA, obtém-se as seguintes narrativas:

Procurava atividade para meus filhos. Aí minha mãe me apresentou o NEOJIBA. Minha mãe foi lá, pegou todas informações e documentações que precisava e conseguimos inscrevê-la. Ela se apaixonou. Aí meu filho, vendo o entusiasmo e apresentações, acabou influenciado e entrou. (ELIS)

Olha, quando eu conheci o NEOJIBA, ela já estava no NEOJIBA [risos]. (...) nós somos soteropolitanas, mas quando ela fez oito anos de idade, nós fomos pra São Paulo. Ela retornou na frente, e eu não pude vir logo, por conta do meu emprego. Quando minha filha voltou pra Bahia e eu fiquei em São Paulo, ela ficou

aqui com minha mãe. Aí uma vizinha apresentou o programa. Minha filha tem uma voz esplêndida. Ela tem um talento muito grande, uma aptidão muito grande nessa área. Ela fez a audição e passou (LECI - grifo nosso).

A presença das “mães das mães” está nos relatos de Elis e Leci, comprovando o ciclo feminino no cuidado com crianças e jovens. Em função da longevidade, as pessoas idosas constituem segmento da sociedade que adquire cada vez mais visibilidade. O convívio intergeracional é tido como benéfico, estimulando a troca de afeto e conhecimentos.

Questionadas sobre o que as levou a inserir crianças no programa, diferentes pontos de vista foram narrados pelas mães, como o gosto ou paixão pela música e a preocupação em preencher o tempo dos jovens com segurança e/ou qualidade.

Eu fiquei interessada porque logo quando eu conheci o NEOJIBA foi com as aulas de violino. Eu achava muito bonito a questão do violino. E aí eu disse, poxa, é uma oportunidade de eu estar incentivando as crianças no ramo da música, ocupando a mente das nossas crianças para não estar fazendo outras coisas [...] E aí não consegui logo pra violino. Fiquei aguardando, ela começou no clarinete, já toca um pouco de flauta transversal também... Daí tomou gosto pela música, que ela não ficou presa só ao NEOJIBA. (ELZA, grifos nossos).

Já conhecia o projeto e vi que elas iam ter futuro. Elas iam estar com a mente ocupada. Elas podiam ser mãe solteira na adolescência, foi tipo assim...querer um ajuda. Não que minhas filhas me dão trabalho, mas foi querendo educar elas e o NEOJIBA me ajudou nisso. (BETHÂNIA, grifos nossos).

Elza e Bethânia usam a expressão “ocupar a mente” das crianças. A segunda cita o fato da inserção no projeto até mesmo como meio de afastar ou prevenir possíveis gravidezes na adolescência das filhas. A preocupação de Bethânia justifica-se quando da análise das estatísticas do Estado da Bahia, reveladoras da alta incidência de casos na juventude.

Na sequência, quando perguntadas se notaram mudanças de comportamento das filhas (os), as respostas elucidam a formação de redes mais amplas e impactos de um projeto que tem a finalidade de promover justiça social e acessibilidade à cidadania.

Sim, mais responsável, mais organizada. Principalmente a mais velha, que já dá até aula lá. Ela é uma “jovem líder” (BETHÂNIA, grifo nosso).

Muita diferença, muita mesmo! Eles desenvolveram muito, não só na parte musical, mas também essa parte mental, o interagir com os colegas, ter um horário, responsabilidades. Minha filha é muito “Caxias” com horário. Ela entra na sala antes do professor. Lá eles cobram muito isso. Ter responsabilidade, cuidar do violino, estar sempre com a camisa do NEOJIBA arrumadinha. (ELIS, grifo nosso).

O que posso dizer foi que ela se encontrou na área da música. Ela estava meio perdida quanto ao futuro dela, e depois que ela entrou no NEOJIBA ela centralizou o que ela queria. E eu confesso que no começo eu não aceitava. Eu dizia que música é uma área difícil, que não era profissão. Eu tinha um certo preconceito. (...) E hoje em dia eu digo que eu tenho orgulho, porque ela demonstra um interesse e uma facilidade tão grande, que eu fico encantada. Ela tão uma voz tão doce, tão suave, que eu quando eu escuto eu vou pra outro mundo. (...) (LECI, grifo nosso)

Tem algumas coisas que são muito bonitas de ver. Eles dialogam sobre música, interagem e brincam com a música. Não são mais conversas sem sentido, sabe?(...) É um que tira a música no assobio, e o outro que conta o tempo... e as brincadeiras vão ficando assim. Todo mundo canta junto, faz a zoadinha da música na boca. Tem a questão do respeito, enquanto um está falando, o outro está escutando. Tem o processo de respeitar o tempo de cada um. Eu percebi esse processo nas crianças. O diálogo ficou mais elevado, mais fácil de interagir com os adultos (MARISA, grifos nossos).

Observa-se indicativos de mudanças quanto ao comportamento, experiência social e educativa, maior organização e responsabilidade quanto às tarefas diárias, além de ampliação da socialização.

Na continuidade, Elza, referencia, orgulhosa. que os filhos, ao integrarem o NEOJIBA, viram referências positivas.

Ela começou pequenininha. Pelo fato da gente morar num bairro onde a criança não tem a oportunidade que nós tivemos... por ser o bairro Nordeste de Amaralina [entrevistada fala com ênfase o nome do bairro], que já tem uma fama de bairro violento, ela ficava muitas vezes triste em casa. Chegava da escola, não tinha o que fazer, a única coisa que tinha pra fazer, quando a gente tem, é uma tv pra assistir. Quando ela passou a ir pra escola pela manhã e à tarde estar no NEOJIBA, ficou mais contente, se sentiu mais alegre, fez mais amizades. Quando não tinha aula, ela pedia pra marcar com as colegas para treinar o instrumento e eu ia junto. Ela passou a interagir mais. E com certeza respeitam mais quem é do NEOJIBA no Bairro. Ano passado meu filho passou num programa de tv, o papai Noel entregando o presente pra ele. Aí o repórter disse que já conhecia ele de algum lugar, e

eu respondi “do NEOJIBA”. E aí vira uma referência boa... “meu filho é do NEOJIBA”. (ELZA, grifos nosso)

O "local" ou território não é resultado do isolamento, mas sim o fruto de relações assimétricas, históricas, econômicas, políticas e culturais entre diferentes espaços sociais.

Para aqueles que têm acesso, os projetos podem contribuir para a supressão de certas marcas da exclusão pelo aumento da escolaridade, da capacitação profissional, da consciência étnica, de gênero, do pertencimento local comunitário. Os projetos sociais tornam-se pontes para um determinado tipo de inclusão social de jovens moradores de certas áreas marcadas pela pobreza e pela violência das cidades. Com eles, uma parcela dos jovens pode inventar novas maneiras de sociabilidade e integração societária que resultem em determinadas modalidades de inclusão (Novais, 2006, p. 108).

Em outro recorte, as narrativas de mães sobre metodologia do NEOJIBA para 2020, com a suspensão de aulas presenciais, trouxeram as seguintes exposições:

Eu achei muito interessante, porque assim, as escolas públicas, algumas, pararam e não se preocuparam em ter uma aula, mas o NEOJIBA não parou. Mas foi muito interessante porque o NEOJIBA não parou, não deixou as crianças dispersas, sem aula, sem uma atividade. E os vídeos do final de ano, feitos pelo NEOJIBA, foi melhor ainda (ELZA, grifo nosso).

Eu achei muito interessante, porque eles tiveram a preocupação em não deixar as crianças soltas. Então, minhas filhas ganharam um Tablet do NEOJIBA pra assistir as aulas online. Eles sempre ligam, perguntando se está precisando de alguma coisa. Eles são presentes na vida de alunos (BETHÂNIA, grifo nosso).

Eu achei o máximo. Se não fossem as aulas de música eu não sei o que seria. Os meninos são alunos do municipal. O municipal demorou a se adequar, demoraram de enviar atividades e de ter aula no canal do estudante e eles acessarem. As aulas de karatê do meu filho foram suspensas por causa da pandemia. E quando veio o *lockdown*, praticamente já tinha aula online no NEOJIBA. Não demorou nada...os meninos se adaptaram muito fácil. Tiveram aula quase particular. O professor passa atividade, tem que gravar vídeo tocando pra mandar. Têm todo um cuidado como se fosse uma apresentação. Eles não estão no palco, mas a casa vira um palco. Agora mesmo, o programa está de férias, mas mesmo assim eles têm atividades. Minha filha fez a agendinha dela pra cumprir (ELIS, grifos nossos).

Eu acho que não posso criticar. Foi uma necessidade, então eles tomaram uma atitude responsável e foi o que tinha pra fazer naquele momento. Até imaginei que iam cessar os ensaios, mas continuou. Achei super positivo nesse sentido. Minha filha estuda em colégio público, e eu fui até lá perguntar como seria, se teriam aulas online e não fez nada. A gente sabe que a aula

online nunca é igual a presencial, e piorou se não tem nem essa possibilidade (LECI, grifos nossos).

Eu entendo que foi um processo muito difícil. Porque tudo que eles podiam ensinar de iniciação musical ele já tinha dado pra turma. Eu entendi e fui muito flexível. Se tem uma coisa que eles são... é competentes! Extremamente! Eles criaram atividades, os professores continuaram, eles fizeram as partes de projetos e tudo mais. Na verdade, o que eu percebi é que existia a necessidade de dar continuidade ao processo para que as crianças não desistissem. Houve um processo de evasão muito grande. Eu percebi que houve um esforço muito grande de todos, todos [ênfase] no NEOJIBA. Imagina você colocar um monte de crianças na frente do computador e você ser a pessoa responsável por conectar essas crianças todas! (MARISA, grifos nossos)

Essa importância se esbarra, entre outras razões, na ausência das aulas das escolas da rede pública de ensino (como abordam Elza, Elis e Leci), o que expõe as desigualdades no sistema educacional brasileiro. Com escolas fechadas, o ensino à distância não contempla todos os alunos, principalmente aqueles que vivem realidades mais pobres. Além da falta de internet, muitos estudantes não dispõem de recursos tecnológicos ou materiais didáticos necessários para um bom aprendizado fora do ambiente escolar.

Segundo a pesquisa de Vitor Cavalcante, Bruno Kawaoka Komatsu e Naercio Menezes Filho (2020), as escolas particulares parecem se adaptaram melhor ao ensino à distância, em comparação com as gestões públicas, conseguindo fornecer atividades escolares para serem realizadas em casa para a maioria dos alunos dessas instituições.

Negros, pardos e indígenas, cursando o ensino fundamental, estão em desvantagem em relação aos brancos e amarelos, mostrando que a desigualdade entre alunos de diferentes cores também pode aumentar. A mobilidade social intergeracional também pode ser dificultada com o fechamento das escolas, uma vez que a distância educacional entre filhos de parentes com maiores e menores níveis educacionais deve aumentar.

No caminhar para o fim da entrevista, foi feita a pergunta “O que você espera do projeto para sua filha (o) daqui para a frente?”, e as expectativas e anseios maternos foram variados, compartilhando, não apenas desejos particulares e profissionais para suas filhas e/ou filhos, como votos de continuidade e crescimento do NEOJIBA para o desenvolvimento educacional das outras crianças e jovens:

Do NEOJIBA eu espero que cresça, porque o trabalho aqui no bairro tem sido gratificante. Pude ver crianças que as mães nem aguentavam mais e depois elas mudavam de comportamento. O

meu pensamento positivo mesmo é que o NEOJIBA cresça, se expanda, que chegue novos instrumentos. E eu não posso impor meus sonhos pra minha filha, mas o sonho dela é ser maestrina. Se o sonho é chegar a ser maestrina, que assim seja. Porque o mais importante é que ela faça algo que ela goste, que ela ame, que ela se dedique naquilo. Então assim, meu sonho, para o NEOJIBA é que se expanda pelo mundo todo e que a gente tenha a oportunidade de acompanhar. (ELZA, grifos nossos)

Eu espero que elas cresçam e que eles continuem apoiando elas na carreira delas. Que eles me ajudem cada vez mais. Eu incentivo porque eu sei que elas gostam e o que eu puder fazer pra incentivar, eu faço. Eu quero que o NEOJIBA cresça, para dar mais oportunidades para mais crianças aqui em Vitória da Conquista, que também precisam. (BETHÂNIA, grifos nossos)

Para o NEOJIBA eu desejo todo sucesso do mundo, porque coisa boa tem que durar pra vida toda. Que cresça cada vez mais, que tenha outros núcleos, que atenda milhões de crianças. Porque o que eles passam é dedicação, é respeito, responsabilidade, só coisa boa (ELIS, grifos nossos)

Na verdade, aprendi uma coisa, sonhar com os sonhos da minha filha. Ultimamente o sonho dela é virar Luthier. Eu apoio ela nisso. Eu espero que o NEOJIBA dê todo esse suporte pra ela realizar o sonho dela. (LECI, grifos nossos).

Por mim eles se formam lá. Dou o máximo de oportunidades condições para que tenham escolha. Mesmo que eles não sejam musicistas, a educação que eles recebem vai ser pra vida toda. O que quiserem ser...eu só quero que eles sejam! Falo sobre sexualidade, escolhas de vida, falo sobre tudo com eles. (MARISA, grifos nossos)

As entrevistas captam percepções críticas, políticas e sociais acerca da educação no projeto.

A gente sabe que aula de instrumento e música, é tudo muito caro. As famílias de classes mais populares não têm condições de custear isso. A criança tem aquele sonho reprimido, porque a família não consegue realizar. Desejo que o projeto continue, porque é um projeto que não cuida só daquele integrante, ela abrange a família. Me senti muito acolhida no NEOJIBA (LECI, grifo nosso)

Não é só uma formação social de dizer “vamos tirar o menino da rua”. Não! É uma formação em música, que, inclusive, me auxilia na educação deles. Hoje eles estão lá com o objetivo de crescer, porque a música, dentro da educação, ela humaniza. Então, acho que vai além de formação profissional. Quando meu filho fala “mãe, acho que não quero mais”, eu falo, “gato, você pode tirar um passaporte e dar um rolê lá fora, no mínimo!” Tem essa perspectiva real dele viajar com o NEOJIBA. O NEOJIBA não faz assistencialismo, ele profissionaliza. Você tem até uma luteria no NEOJIBA! Então

não é oportunidade de salvar as crianças, não! É uma oportunidade de ampliar a potência que cada criança tem!
(MARISA, grifos nossos)

As redes criadas e reveladas, com cada uma das mulheres, foram identificadas e corroboram com impactos e outras dimensões não almejadas especificamente pela educação musical, reforçando acesso à justiça social e à cidadania. O entrelaçamento de experiências e da procura pela multireferencialidade de fontes que compõem o *corpus documentae* e a construção de dados extraídos de vivências relacionais (sociais, comunitárias e familiares) atingiu o nível pretendido: diversidades de sujeitos, procedimentos metodológicos que complementam e permitem análises críticas. Adentrou-se em ambiente de educação não formal e no projeto social, nas nuances de redes colaborativas e em certos pormenores das relações familiares (mães e jovens).

Das vulnerabilidades e da exposição de tópicos relativos à educação, à cidadania e aos direitos humanos, os marcadores de gênero, gerações e territórios também auxiliaram a observância dos contributos da educação não formal na vida de jovens. Foram evidenciadas opiniões e expectativas positivas para o programa, sentimentos de acolhimento, de pertença e até mesmo a atribuição da palavra “família” ao definir a relação com o NEOJIBA.

“Meninas Na Música”: Para Além Das Vozes E Dos Instrumentos

As entrevistas realizadas com 5 (cinco) jovens integrantes do NEOJIBA finalizam a quarta etapa metodológica da pesquisa, acompanhando o mesmo método utilizado com as mães, de entrevistas individuais semiestruturadas. As jovens entrevistadas não estão especificamente relacionadas ao projeto “Meninas na Música”, criado em 2018 com apoio do Instituto Avon. Entretanto, ganham lugar de visibilidade e acompanham a ideia de promoção de igualdade e de valorização em campos que são menos equitativos.

As questões indagadas nas entrevistas pretendem investigar o acesso aos Direitos Humanos dessas participantes, em contextos familiares, sociais e educativos vivenciados. Destaca-se que as próprias escolheram nomes fictícios, preservando confidencialidade e anonimato, de cantoras e/ou compositoras da música nacional (Edith do Prato, Gal Costa, Clara Nunes, Alcione, Chiquinha), conforme afinidades e identificações musicais. Tal escolha respeita declarações e demonstra a disponibilidade em participar da presente investigação.

QUADRO 2 - Caracterização das jovens entrevistadas

JOVENS INTEGRANTES DO NEOJIBA	IDADE	RAÇA/ ETNIA/ COR	ESCOLARIDADE	TEMPO QUE INTEGRAR O NEOJIBA
Edith	27 Anos	Negra	Superior Completo. Formada em Licenciatura em Música, pela UFBA	13 anos
Clara	20 Anos	"A Menina que nasceu sem cor"	Ensino Superior Incompleto. Cursando Licenciatura em Música na UFBA	8 anos
Gal	25 Anos	Preta	Ensino Superior Incompleto. Cursando Fonoaudiologia.	3 anos
Chiquinha	19 anos	Branca	Ensino Médio Completo	2 anos
Alcione	18 anos	Preta	Ensino Médio Técnico Incompleto	3 anos

Fonte: Elaboração a partir da pesquisa empírica (2021).

Como registro das primeiras perguntas - sobre motivos pelos quais resolveram participar do NEOJIBA - foram identificados diferentes contextos levaram às suas inserções e evidenciam sujeitos plurais, inscritos em múltiplas e distintas culturas e realidades:

Um dia quando eu vi a “Família Lima” na televisão eu falei “quero tocar violino!”. Aí começou minha saga... Comecei a tocar com 8 anos. Aí depois eu entrei no NEOJIBA, porque meu vizinho me chamou pra fazer o teste. Foi a primeira vez que entrei no TCA e foi pra fazer a prova da Orquestra. Depois foi minha adolescência inteira no NEOJIBA. Todas as turnês, concertos, tudo que aconteceu no NEOJIBA de 2007 até 2015, eu participei como integrante. Hoje já sou instrutora (EDITH, 27 anos).

Estudei até os 12 anos em um colégio particular de música. O NEOJIBA estava começando e tinha muitos concertos didáticos. Tinha os concertos de Natal que NEOJIBA juntava com várias escolas. Eu acabei conhecendo o NEOJIBA através dessa troca dos concertos de Natal. Em 2012, resolvi fazer a audição para Orquestra Pedagógica Experimental. Estudei flauta doce por um tempo, mas me encantei com violino. Agora sou monitora. (CLARA, 20 anos).

Eu recebi o informe da audição em 2017, quem me enviou foi meu irmão. Na época eu estava participando por uma época bem complicada, financeiramente falando, e o NEOJIBA tem o benefício da bolsa, o que é muito motivador pra gente. Naquela época eu já trabalhava fora com música, cantava em eventos. Eu estava passando por uma situação muito complicada, eu estava vendo o ponto de precisar fazer um trabalho informal, começar a fazer qualquer coisa para ter como me sustentar. Aí meu irmão me enviou o link do site, da audição, e eu pensei “putz, vai ser a melhor forma, porque vai ter um valor fixo que eu vou receber, eu posso continuar trabalhando nos eventos e ainda tem a questão teórica da música”. (...) conheci o NEOJIBA, que apareceu como uma luz, e a vida se transformou (GAL, 25 anos, grifos nossos).

Na verdade eu não conhecia o NEOJIBA. Fui perguntar o nome depois que eu já estava matriculada [risos]. Como o NEOJIBA tem muitas filiais, uma delas é o Irmã Dulce. E aí eu entrei no primeiro ano da escola e uma amiga chegou na sala com o violino. Eu perguntei a ela como fazia pra tocar também. Quando terminou a aula, ela me levou pra me inscrever. A coordenadora me explicou tudo e eu escolhi o violino. Depois que fui saber o que significava o nome do programa. Agora, eu estou tocando viola. (ALCIONE, 18 anos).

Eu sou de S. [Nome da cidade] Eu resolvi participar, porque lá em S. não tem a oportunidade que a gente tem em Salvador. Dentro do NEOJIBA tem a Rede de Projetos Orquestrais da Bahia, foi por aí que eu acessei o NEOJIBA. Em 2019 eu entrei logo na OCA, estudei e passei nas audições. Na verdade eu já tinha participado da OCA em 2018, mas não pude entrar mesmo naquela época, porque eu ainda não tinha concluído o terceiro ano e a bolsa que eles davam não dava pra ficar indo e voltando de S. para Salvador. Eu poderia perder muitas aulas e eles não são a favor do aluno perder aula da escola pra ir para os ensaios. Aí em 2019, depois de concluir o Ensino Médio, eu entrei! Por isso, em 2019 saí de S. e fui morar em Salvador (...). Lá eu tenho mais oportunidades. Eu participava da Filarmônica da minha cidade tocando trompete. Mas no NEOJIBA eu passei a estudar e a tocar violino. Resolvi participar para evoluir na música, conseguir oportunidades e ainda tem um bônus, porque eu quero fazer faculdade em Salvador. Como eu não sou de família que tem condições, minha não tinha como me manter em Salvador. Então, participando do NEOJIBA, e com a bolsa, eu poderia ficar em Salvador e cursar faculdade. Em 2019, por incrível que pareça, eu praticamente me sustentava com a bolsa do NEOJIBA e o auxílio moradia. (CHIQUINHA, 19 anos, grifos nossos)

As desigualdades potencializam o ciclo de exclusão de jovens mais desfavorecidos economicamente. As relações de formação e trabalho em que estão inseridos fazem com que, crescentemente, tenham a inserção precoce no mercado de

trabalho por meio de subempregos, uma vez que o mercado de trabalho tende a exigir por níveis mais altos de educação e formação profissional.

No Brasil, em 2017, cerca de 25,1 milhões de pessoas de 15 a 29 anos de idade, não alcançaram o ensino superior completo, não estavam estudando ou se qualificando (IBGE, 2018). O índice de mulheres que não estudam e nem trabalham é quase o dobro quando comparado aos homens, externando as desigualdades de gênero nesse indicador. No marcador de cor, a taxa de desemprego é de 16,6% (brancos), negros chega a 23,3% (IBGE, 2016), sendo relevante compreender a completude dos mecanismos de exclusão inter-relacionados (classe, cor e gênero). Isso revela a expressão de “como efeitos macrossociais e estruturais da sociedade afetam de forma ainda mais acentuada mais determinados grupos do que outros” (Prado; Silva; Silvestrini, 2020, p.711).

Algumas narrativas das jovens sobre como autodeclaram¹² sua cor, etnia ou raça, aprofundam debates sobre miscigenação, heranças históricas e racismo:

Negra. Mas eu nem sempre tive isso na minha cabeça... Meus avós nasceram no auge da eugenia. Eles sempre negaram isso. Sempre ouvi piadinhas racistas dentro da minha casa e não tenho problema nenhum em dizer isso, até porque hoje a gente já fala sobre esse assunto. Desde que eu lembro, eu alisava o cabelo ou fazia algo pra ficar menos crespo ou cacheado. Essa mudança de pensamento aconteceu depois de entrar na UFBA e ser questionada sobre isso e abrir meus olhos mesmo. A coisa mais forte foi ver que minhas alunas sofriam, tinham os problemas de auto estima que eu. Aí eu falei “isso aqui tem que mudar!” (EDITH, 27 anos, grifos nossos).

As jovens expressam os impasses na compreensão de suas etnias/raças e, por conseguinte, de autodeclarar-se, seja no pretérito ou no momento presente.

Tá um processo muito difícil... Eu gosto de brincar que “eu sou a menina que nasceu sem cor”, que é o nome de um poema. Já ouviu falar desse poema? Mas na minha certidão está escrito “branca”. Hoje em dia eu me coloco em um lugar de questionamento. A minha avó fala que tudo isso tem que ser feito na base de muito estudo. Eu tô aqui de frente pra livros da minha estante, quando eu tenho dúvidas eu vou para os livros... (CLARA, 20 anos, grifo nosso)

Preta. Eu demorei pra entender isso. Eu cresci não me enxergando em vários lugares. Me lembro que uma vez o IBGE foi fazer a pesquisa lá em casa do Censo e eu me declarei parda,

¹² Para efeito do Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12288/10, Art. 10, IV) considera-se população negra o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pelo IBGE, ou que adotam autodefinição análoga. Sendo assim, a presente investigação foi realizada com participantes negras.

porque na minha concepção eu tinha uma pele menos retinta. Na minha cabeça, preta era aquela pessoa mais retinta, como meu avô, por exemplo. Eu tenho um tio de pele mais escura, então esses eram os pretos. É muito importante a gente ter essa abertura, esses espaços e conseguir se estabelecer da forma que a gente é (GAL, grifos nossos).

Preta. Antes sempre coloquei parda em tudo. Somente em 2017 eu comecei a ler sobre e a tomar coragem de pesquisar. Tudo gerou muito em torno do meu cabelo. Eu alisava meu cabelo e enquanto eu alisava meu cabelo, eu achava que eu era branca. Eu não tinha muita referência. Meu pai é negro, mas não sei, acho que ele não se enxerga muito. Mas depois que deixei meu cabelo cacheado, fiz o black, aí que consegui visualizar. Só em 2017 que tive coragem de fato de colocar no papel que eu era negra, não era nem falar. (ALCIONE, grifos nossos).

Os relatos acima denotam aspectos da miscigenação brasileira e nos leva ao termo colorismo¹³ ou pigmentocracia, desenvolvido por Alice Walker, no ensaio “*If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like?*”, como parte do livro “*In Search of Our Mothers’ Garden*”, no ano de 1982.

“Eu sou a menina que nasceu sem cor”, citada por Clara, é uma poesia de Midriá da Silva Pereira¹⁴, que registra de forma crítica os caminhos que fizeram a menina entender-se como negra e reivindicar a potência de suas raízes, de seu cabelo, de seu povo. Em um dos seus trechos, justificando o título da poesia, assinala “me chamam por aí de parda, morena, moreninha, mestiça, mulata, café com leite, marrom bombom (...)”. Em sua obra, Miríade classifica o colorismo como uma política de embranquecimento do Estado, que por muito tempo fez com que ela odiasse os traços genéticos que herdou do pai, se odiasse, se mutilasse e alisasse o cabelo. Esse ato de alisar os cabelos também foi abordado por Edith e Alcione, esta última ainda afirmou que precisou “fazer o black”, referindo-se ao penteado “*black power*”, para enxergar-se preta.

Uma Das Características Do Racismo É A Maneira Pela Qual Aprisiona O Outro Em Imagens Fixas E Estereotipadas, Enquanto Reserva Para Os Racialmente Hegemônicos O Privilégio De Serem Representados Em Sua Diversidade. Assim, Para Publicitários Basta Enfiar Um Negro No Meio De Uma Multidão De Brancos Em Um Comercial Para Assegurar Suposto Respeito E Valorização Da Diversidade Étnica E Racial E Livrar-Se De Possíveis Acusações De Exclusão Racial Das

¹³ Devulsky (2021) afirma que as discussões acerca do colorismo buscam entender a construção histórica e como o racismo penetra nas vidas e relações interpessoais.

¹⁴ Poeta, estudante de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo e uma das organizadoras do USPerifa, que leva a cultura dos *slams*, da disputa de poesia falada, para dentro da cidade universitária.

Minorias. Um Negro Ou Japonês Solitários Em Uma Propaganda Povoada De Brancos Representam O Conjunto De Suas Coletividades. Afinal, Negro E Japonês São Todos Iguais, Não É? (Carneiro, 2004, P.2, Grifo Nosso)

A citação de Suely Carneiro ratifica o dilema vivido por Gal quando afirmou que crescera “não se enxergando em vários lugares” e quão importante era ter abertura e espaços para, em suas palavras, “conseguir se estabelecer da forma que a gente é”. Nessa perspectiva, embora integrem o projeto e sintam-se parte dele, atenta-se à presença, através de discursos, de aguçado senso crítico, político e social, além da concepção de que, como integrantes, devem participar também, opinando e criticando, como responsáveis por mudanças, e não apenas como sujeitos passivos de uma política pública.

Espero que essas discussões sobre questões raciais estejam mais presentes, que se trate isso com mais abertura mesmo, da forma que deve ser tratada. A gente sabe que o coro é diverso, isso significa muito. (...) Eu sinto que entre nós, temos essa consciência. Mas é importante que outras pessoas, de outros núcleos e as crianças, saibam e discutam. (GAL, 25 anos, grifos nossos)

Espero que eles levem cada vez mais em consideração nossa opinião... eu entendo que é um projeto muito grande e que é difícil conhecer as necessidades individuais de todo mundo, mas que eles façam mais essa abordagem individual. É um projeto social, não é laboratório de música! Que tenha mais igualdade entre as orquestras, independente do nível de cada aluno e do tempo no projeto. Espero que cresçam cada vez mais a estrutura, que façam salas pra estudos, pra que o aluno possa estudar e treinar lá. Que o projeto possa se expandir e melhorar sabe? (CHIQUINHA, 19 anos, grifos nossos)

O que eu mais espero é que o programa continue vivo, porque é um programa social e os projetos estão acabando. O governo não está financiando muitos projetos. O que eu espero mais é que eles abram um pouco mais as oportunidades, sabe? Tem a geração mais velha que está lá dentro e já foi pra Europa duas vezes. Eles ganham mais e estudam mais também. Tem essa diferença muito forte entre os alunos. A direção tenta quebrar isso, mas acho que eles podem quebrar isso abrindo mais as oportunidades. (...) A gente esse ano fez história. Foi o naipe que mais teve aulas. O que eu espero é um dia ser a coordenadora das violas. Tomar conta da parte musical e administrativa. Então eu me imagino ser aluna do programa o máximo de tempo que eu conseguir. (ALCIONE, 18 anos, grifos nossos)

Considerações Finais: Afetos E Afetamentos

As diversas alterações no percurso metodológico demandadas com o surgimento do coronavírus (COVID-19) e as respectivas recomendações de isolamento social, precisamente no ínterim entre o ensino, extensão e investigação, exigiram soluções como a utilização da virtualidade e netnografias para o prosseguimento da análise das ações do NEOJIBA, bem como aproximação dos sujeitos de pesquisa. Os *afetamentos* na exploração dos dados, novos caminhos exploratórios foram descobertos, possibilitando estreitamento de laços com agentes e integrantes do programa – *afetos* – passando da observação para formação recíproca.

O uso da multireferencialidade de fontes compõe o *corpus documentae* e a construção de dados extraídos de vivências relacionais atingiu nível pretendido, visualizando a diversidade de sujeitos, por meio dos procedimentos metodológicos que complementam e permitem análises críticas, contextualizadas nas esferas privadas e públicas, além de revelarem vozes e percepções de meninas e mulheres integrantes. Conhecer perfis étnico-racial, social, econômicos e políticos, redes criadas e reveladas com cada uma das mulheres-mães, corroboram com impactos e outras dimensões não almejadas especificamente pela educação musical, reforçando acesso à justiça social e à cidadania.

Mostraram-se evidentes as diferentes “entidades familiares” de entrevistadas, num panorama contendo desde modelos da família matriarcal, união estável, até maternidade solo ou mulheres chefes de família, filiação consanguínea e adotiva e assim por diante. Profundas desigualdades de gênero marcaram a esfera doméstica e, mesmo engajadas em jornadas extensas de trabalho profissional, as mulheres permanecem como as principais responsáveis como mantenedoras, cuidadoras e responsáveis pelo trabalho “reprodutivo”.

Os marcadores de gênero, gerações e territórios também auxiliaram a observância dos contributos da educação não formal na vida das jovens, que reconhecem, por meio dos relatos, as suas necessidades e vulnerabilidades, bem como talentos e potencialidades. Registraram mudanças quanto ao comportamento, nas experiências sociais e educativas, citando maior interação social, organização e responsabilidade quanto às tarefas diárias. A educação não formal se estende para além das aulas de música ou canto, atingindo a personalidade dos integrantes, resvalando, conseqüentemente, nas suas relações familiares e sociais. Em outras palavras, “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender

a viver juntos e aprender a ser" sendo postos em prática, a partir da concepção de educação ampliada e "ao longo de toda a vida" (Delors, 2003).

As jovens entrevistadas revelaram desejo de lutarem para serem reconhecidas como iguais e dentro de suas diferenças (de gênero, raciais e culturais), além de senso e posicionamento críticos. Reconhecem o papel ativo da condição de agente do programa, e não apenas receptoras. Atestou-se, portanto, a presença de vulnerabilidades negativas e positivas nos relatos (Castro, Abramovay, 2015), através das quais o conceito de vulnerabilidade social é ampliado, e, para muito além de "risco", evidenciam as mudanças civilizatórias e engajamentos positivos.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam & CASTRO, Mary Garcia. Juventudes no Brasil: vulnerabilidades negativas e positivas, desafiando enfoques de políticas públicas. In: PETRINI, João Carlos; CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon (Orgs.). **Família, sociedade e subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 2013.

ABRAMOVAY, Miriam & CASTRO, Mary Garcia. Ser jovem no Brasil hoje: políticas e perfis da juventude brasileira. **Cadernos Adenauer**, n. XVI, 2015, nº1, p. 13–25.

ABRAMOVAY, Miriam. **Diagnóstico participativo das violências nas escolas: falam os jovens**. Rio de Janeiro: FLACSO-Brasil, OEI, MEC, 2016.

ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?** Brasília: Flacso-Brasil, OEI, MEC, 2015. Disponível em http://flacso.org.br/files/2015/11/LIVROWEB_Juventudes-na-escola-sentidos-e-buscas.pdf

BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas. In: **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, pp. 75-109.

CALAZANS, Márcia Esteves de; BERGAMASCHI, Maria; PINEIRO, Isael & ESTIVALET, Anelise (Orgs.). **Juventudes, Educação e Interculturalidade**. Porto Alegre: Editora Fi, 2022.

CARNEIRO, Sueli. **"Negros de pele clara"**. Disponível em: <https://www.ceert.org.br/noticias/educacao/13956/sueli-carneiro-negros-de-pele-clara>. Acesso em: 4 jan. 2021.

CASTRO, Amanda Müller de. **Princípios fundamentais na prática instrumental do NEOJIBA: um estudo de caso com os clarinetistas do programa**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Escola de Música, 2017. (Tese de doutorado). Disponível em <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29896>

CASTRO, Mary Garcia. Políticas públicas por identidades e de ações afirmativas: acessando gênero e raça, na classe, focalizando juventudes. In: NOVAES, Regina;

- VANNUCHI, Paulo. **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014, pp. 275-303.
- CASTRO, Ricardo. Entrevista. **Revista Bravo.** São Paulo, 2010. Disponível em <https://www.ricardocastro.com/noticias-ver.php?cod=38>
- CAVALCANTE, Vitor; KOMATSU, Bruno Kawaoka; MENEZES-FILHO, Naercio. Desigualdades Educacionais durante a Pandemia. **Policy Paper** n. 51, Centro de Gestão e Políticas Públicas/INSPER, 2020.
- CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon & SILVA, Antonio Carlos da. Trilhas de uma história contemporânea: humanos direitos como agenda cada vez mais urgente. In: GUIMARÃES, Flávio Romero; NEWTON, Paulla; BEZERRA, Ricardo; SILVA, Ricardo(Org.). **Direito internacional dos Direitos humanos, democracia e segurança.** Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba/Realize, 2019, pp. 12-26.
- CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon & SILVA, Antonio Carlos da. Entre mundos e discursos em prol dos Direitos Humanos: enlaces, agendas e redes ampliadas. In: BALLESTEROS, María de la Paz Pando; RAMÍREZ, Alicia Muñoz & RODRÍGUEZ, Pedro Garrido (Eds.). **Pasado y presente de los derechos humanos: Mirando al futuro.** Salamanca: Ediciones de la Universidad de Salamanca, 2018, pp. 447-459.
- CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. Violência(s) Sobreposta(s). Contextos, tendências e abordagens em um cenário de mudanças. In: DIAS, Isabel. (Org.). **Violência doméstica e do gênero.** Lisboa: Pactor, 2018, pp. 97-121.
- CAVENAGHI, Suzana & ALVES, José Eustáquio Diniz Alves. **Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios.** Rio de Janeiro: ENS-CPES, 2018. Disponível em http://www.ens.edu.br/arquivos/mulheres-chefes-de-familia-no-brasil-estudo-sobre-seguro-edicao-32_1.pdf
- RUBIM, Antonio Alvino. **Conquistas e desafios: Estatuto da Juventude completa sete anos de implementação no país.** Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social. Salvador: Governo da Bahia. Disponível em <<http://www.justicasocial.ba.gov.br/modules/noticias/makepdf.php?storyid=3731>> Acesso em 27 de Dez. 2023.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos.** Porto Alegre: Artmed, 2017.
- DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir.** 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.
- DEVULSKY, Alessandra. **Feminismos Plurais: Colorismo.** São Paulo: Jandaíra, 2021.
- GUIZZO, B. S.; MARCELLO, F. & MULLER, F. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. **Educ. Pesqui.** [online]. 2020, vol. 46, e238077, 2020. Disponível em <<http://ref.scielo.org/d45h4c>>
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** 13ª Edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica on-line.** Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014. 203 p.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Artes & Ensaios**: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, Rio de Janeiro, n. 32, dezembro de 2016, pp. 123-151. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>

PENIDO, Anna. **Adolescências e Juventudes**. São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo/Movimento Inova, 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Zn8fxmTRpLg>

PORTUGAL, Sílvia. **Família e Redes Sociais**: Ligações fortes no de bem-estar. Coimbra: Almedina, 2014.

PRADO, Ana Carolina; SILVA, Carla Regina; SILVESTRINI, Marina. Juventudes, trabalho e cultura em tempos de racionalidade neoliberal. **Caderno Brasileiro de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 28, n. 2, p. 706-724, 2020. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2526-89102020000200706&lng=en&nrm=iso. Acesso em 10 jan. 2024.

SARAIVA, Karla. **Educação, espaço, tempo**: conexões. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324426225_Educacao_espaco_tempo_conexoes. Acesso em 20 de Maio 2023.